

O ensino de história do Holocausto e o uso do cinema para uma educação para a alteridade: um estudo de caso a partir do filme *Jojo Rabbit*¹

*Diego Leonardo Santana Silva*²

*Andreza Santos Cruz Maynard*³

Resumo: este artigo tem como objetivo analisar como o uso do filme *Jojo Rabbit* (2019) pode contribuir para uma educação para a alteridade. Para isso, apresentaremos reflexões sobre o Ensino de História com ênfase no Holocausto e realizaremos uma análise da obra a partir do método de decomposição de filme proposta por Manuela Penafria (2009) a fim de observar de que maneira a alteridade é construída ao longo da obra. *Jojo Rabbit*, com sua abordagem única e provocativa, oferece uma oportunidade valiosa para ensinar um tema complexo e chocante através do entretenimento e do humor que dialoga com angústias e o medo. Dessa maneira, é possível promover uma educação histórica crítica, alinhada com as demandas contemporâneas de combate ao discurso de ódio.

Palavras-chave: Ensino de História, Holocausto, Cinema, Alteridade, *Jojo Rabbit*

¹ Artigo de conclusão do estágio pós-doutoral de Diego Leonardo Santana Silva no Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA/UFS) sob supervisão da Profa. Dra. Andreza Santos Cruz Maynard.

² Doutor em História Comparada pela UFRJ. Mestre em Educação e Graduado em História pela UFS. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5282811325153138> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7813-5448> E-mail: diego@getempo.org

³ Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) e Pós-doutora em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Professora de História do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e professora do quadro permanente do Mestrado Profissional em Ensino de História/UFS. Membro do GET/UFS/CNPq. Editora-chefe do Boletim Historiar. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2270280865736431> E-mail: andreza@getempo.org

Teaching the history of the Holocaust and the use of cinema for an education in alterity: a case study based on the film *Jojo Rabbit*

Abstract: This article aims to analyze how the use of the film *Jojo Rabbit* (2019) can contribute to an education in alterity. To this end, we present reflections on History Teaching with an emphasis on the Holocaust and conduct an analysis of the film using the decomposition method proposed by Manuela Penafria (2009) to observe how alterity is constructed throughout the narrative. *Jojo Rabbit*, with its unique and provocative approach, offers a valuable opportunity to teach a complex and shocking topic through entertainment and humor that engages with anxieties and fears. In this way, it is possible to promote critical historical education aligned with contemporary demands for combating hate speech.

Keywords: History Teaching, Holocaust, Cinema, Alterity, *Jojo Rabbit*.

Introdução

Em sua história da Europa do pós-guerra, o historiador anglo-americano Tony Judt (1948–2010) afirmou: “o reconhecimento do Holocausto é o nosso ingresso para a Europa”.ⁱ Embora tal afirmação esteja no contexto da memória europeia contemporânea, o alerta de Judt para a necessidade de rememorar este acontecimento nos chama atenção pela apontada necessidade de reconhecer que eventos como o Holocausto devem ser levados em consideração para uma leitura histórica e social de como o mundo que vivemos.

O Holocausto, também denominado ou *Shoá* em hebraico: *השואה* – que significa catástrofe – foi um dos principais genocídios do século XX com sua história sendo algo que se estende para além do caso europeu. Durante séculos, a comunidade judaica sofreu com intolerância e preconceito esboçados em atos de antissemitismo que lamentavelmente persiste até os dias atuais. Tendo sido um dos eventos mais marcantes da Segunda Guerra Mundial (1939–1945), o Holocausto acabou se tornou um dos temas mais estudados, sobretudo na compreensão do estabelecimento e funcionamento de regimes fascistas, sobretudo o caso alemão. A abrangência de estudos é imensa sendo praticamente impossível aos pesquisadores um domínio completo do tema.ⁱⁱ Isso fez da história do Holocausto um dos pilares da memória coletiva do século XX com este século sendo marcado e lembrado como um período de crimes contra a humanidade, de guerras que vitimaram milhões de pessoas, de totalitarismos e genocídiosⁱⁱⁱ.

Por essa razão, a história do Holocausto acabou se tornando uma referência no Ensino de História dialogando com temáticas como a intolerância, os extremismos, os regimes autoritários, as ditaduras, os fascismos, os massacres e os genocídios. A formação do currículo escolar na área de história tendo por base a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a necessidade de estudar

os conflitos mundiais e nacionais visando compreender eventos com a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e situar os estudantes em debates sobre os Direitos Humanos.^{IV} A história do holocausto está nos livros didáticos, inserida em conteúdos que dialogam com a temática da Segunda Guerra Mundial (1939–1945) e da criação do Estado de Israel.

De fato, o extermínio em massa de judeus e outras minorias – a exemplo de ciganos, testemunhas de Jeová, homossexuais, pessoas com deficiência, entre outros – na Europa durante a primeira metade do século XX, sobretudo no período da Segunda Guerra Mundial (1939–1945), foi um dos principais traumas coletivos da contemporaneidade. Os estudos sobre o holocausto – denominado pela comunidade hebraica com *Shoá* ou *Shoah* – deram origem a uma série de questionamentos sobre suas causas, suas consequências e o sentido da educação inaugurando uma série de pesquisas que posteriormente dialogaram com outros temas. Tais estudos inspiraram autores como Jörn Rüsen na formulação de princípios do Ensino de História e da Didática da História.

Décadas após o ocorrido, o holocausto ainda é lembrado e problematizado. Tendo se tornado uma narrativa mestra da história dos judeus, da Europa e da história do tempo presente. Devido a sua abrangência e impacto, ele foi representado em diversas produções artísticas e culturais ao longo dos anos. Tais iniciativas são aqui compreendidas também como elementos de construção de uma memória coletiva. Transmitir o que ocorreu de uma geração para a outra seria uma forma de manter viva a memória. Expressões artísticas inspiradas em testemunhos do ocorrido como a como a *Graphic Novel Maus: a história de um sobrevivente* de Art Spiegelman (1986) ou filmes como Filmes como *A Lista de Schindler* de Steven Spielberg (1993) se disseminaram ao longo das décadas e colocaram o público em contato com essas histórias.

Em meio a uma série de produções cinematográficas elaboradas ao longo dos anos, uma em especial nos chama atenção. Trata-se do filme *Jojo Rabbit* dirigido por Taika Waititi e lançado em 2019. Acreditamos que esta produção é dotada de uma série de características que a tornam um filme com grande potencial de utilização por professores em sala de aula para o ensino da história do Holocausto e de temas como a intolerância, o preconceito e a própria história da Segunda Guerra Mundial.

Sendo assim, este artigo tem como objetivo analisar de que maneira o uso do filme *Jojo Rabbit* em sala de aula pode contribuir para uma educação para a alteridade. Para isso, inicialmente apresentaremos as informações técnicas e um resumo do filme. Em seguida, apontamos uma reflexão sobre a forma a qual o filme optou por abordar o nazismo. Depois disso, destacando a maneira caricatural a qual os nazistas são apresentados como ignorantes e tolos, mas também perigosos, abordando também o processo de conhecer o outro que os personagens percorrem. Por fim, teceremos reflexões sobre como o cinema pode ser um recurso didático para o Ensino de História em prol de uma educação para a alteridade.

Em relação ao procedimento metodológico, faremos uma abordagem baseada na decomposição de filme proposta por Manuela Penafria (2009) separando de trechos específicos da obra para, por fim, tecer considerações sobre a maneira como a alteridade é construída ao longo da obra através da forma como a relação entre os personagens Jojo e Elsa é construída. Ao conhecer o outro, Jojo se livra de seus preconceitos. Dessa forma, entendemos que o uso de filmes como esse podem colaborar na construção de uma visão humanizada sobre o outro, algo que consideramos fundamental no ensino de temas como o Holocausto. Bem como, também utilizaremos as considerações propostas por Marc Ferro (2010) sobre história e cinema observando o processo de produção do filme como um

todo. Com isso, iremos inserir *Jojo Rabbit* em meio a produções que abordam o tema. Por fim, optamos pelo uso de trechos recortados do filme realizados por páginas especializadas na divulgação de filmes devido a maneira a qual a montagem das imagens foi realizada, forma essa que consideramos que corresponde aos objetivos deste texto.

Resumo e informações técnicas da obra

O filme começa apresentando o protagonista Johannes "Jojo" Betzler, um menino de 10 anos, membro fanático da Juventude Hitlerista. Jojo está indo a um acampamento no qual assiste aulas sobre os judeus, apresentados pela professora nazista que os desumanizada apresentando-os como monstros conspiradores que devem ser combatidos. Ao longo do acampamento, Jojo tenta provar o seu valor aos colegas para demonstrar ser um ariano puro, até que sofre um acidente durante um treinamento.

Após o acidente, Jojo retorna para sua casa e sua vida muda quando ele descobre que sua mãe Rosie Betzler mantinha escondida uma jovem judia chamada Elsa Korr. No começo, Jojo é hostil a garota judia e ameaça entregá-la aos nazistas, porém desiste ao imaginar que caso isso aconteça sua mãe também seria morta. Como solução, Jojo acaba ajudando a esconder Elsa enquanto imagina que pode extrair dela os segredos dos judeus. Ao decorrer da trama, Jojo acaba desenvolvendo uma amizade com Elsa enquanto luta contra seu amigo imaginário, Adolf Hitler.

Ao longo da trama, que se passa em uma representação da Alemanha Nazista durante o final da Segunda Guerra Mundial, também é abordada a resistência ao nazismo e a perseguição sofrida pelos dissidentes. O filme termina com Jojo tendo que recomeçar sua vida sozinho após sua mãe ser morta pelos nazistas em mais um caso de crianças sem pais após a Segunda Guerra Mundial.

O filme *Jojo Rabbit* estreou em 2019 e ficou em cartaz em 2020, foi produzido nos Estados Unidos sob direção e roteiro de Taika Waititi, contou com um orçamento aproximado de 14 milhões de dólares e atingiu uma bilheteria mundial de 90,4 milhões de dólares sendo distribuído pela Fox Searchlight Pictures nos Estados Unidos e internacionalmente pelo Walt Disney Studios e no Brasil tem classificação indicativa para a partir dos 14 anos de idade. A produção também venceu o óscar de melhor roteiro adaptado em 2020.^v O elenco da trama e os principais personagens foram:

Quadro 1 – Tabela dos personagens

Personagem	Ator/atriz	Descrição
Johannes "Jojo" Betzler	Roman Griffin Davis	Menino alemão de 10 anos entusiasta da Juventude Hitlerista.
Elsa Korr	Thomasin McKenzie	Garota judia que está escondida no sótão da casa de Jojo
Rosie Betzler	Scarlett Johansson	Mãe de Jojo que faz parte da resistência anti-nazista
Capitão Klenzendorf	Sam Rockwell	Oficial alemão que treina a Juventude Hitlerista
Adolf Hitler (imagin.)	Taika Waititi	Versão cômica de Adolf Hitler que é apresentado como o amigo imaginário de Jojo
Fraulein Rahm	Rebel Wilson	Fanática instrutora antissemita da Juventude Hitlerista

Finkel	Alfie Allen	Assistente do Capitão Klenzendorf
Yorki	Archie Yates	Melhor amigo de Jojo
Capitão Deertz	Stephen Merchant	Oficial nazista que investiga as atividades de Jojo e de sua mãe

Fonte: Informações retiradas de IMDb. (2019). *Jojo Rabbit*. Full Cast & Crew. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt2584384/> Waititi, T. (Diretor). (2019). *Jojo Rabbit* [Filme]. Fox Searchlight Pictures.

Outro elemento a ser analisado é o cartaz de divulgação do filme. Filmes são produtos comerciais que visam o lucro e um processo de divulgação e publicidade da obra é feito na qual muito dinheiro é investido. Nisso, o cartaz de divulgação é sempre meticulosamente pensado para chamar atenção do público e apresentar a obra. Adiante, analisaremos o cartaz de divulgação do filme no Brasil:

Imagem 1 – Cartaz de divulgação do filme Jojo Rabbit no Brasil



Fonte: Imagem retirada de: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-258998/fotos/detalhe/?cmediafile=21699213>.

O cartaz faz uso da tonalidade em vermelho e creme com uma tipografia com letras mais arredondadas trazendo um aspecto menos formal. Os personagens do cartaz, exceto o protagonista Jojo estão olhando em direção à câmera. O protagonista está ao centro e seu amigo Hitler está colocando dois dedos fazendo chifres em sua cabeça, um tom brincalhão e hilário que é adotado pelo atore diretor Taika Waititi para representar o ditador alemão. Em baixo, temos três personagens sendo um deles um oficial nazista que está desarrumado, algo que contrasta com as ideias de perfeição que oficiais desse tipo costumavam ostentar sempre impecáveis em sua vestimenta.

O cartaz esboça a situação a qual Jojo passará no filme. Ao observarmos o posicionamento da parte superior temos a mãe de Jojo e a amiga judia à sua direita, no lado esquerdo do cartaz, enquanto de seu lado esquerdo, a direita de quem olha o cartaz, estão Hitler e o capitão Deertz, um oficial nazista que investiga as atividades de Jojo. A dualidade entre suas percepções nazistas e recrutamento e o processo de desconstrução que Jojo vive é o elemento principal do filme e retratado no cartaz. Por fim, o cartaz traz as informações técnicas do filme como a data de lançamento no Brasil que foi no dia 6 de fevereiro de 2020, o filme foi lançado no final de 2019 em outros países.

Jojo Rabbit e sua maneira de abordar o nazismo

Um dos aspectos que chamam atenção no filme *Jojo Rabbit* é a escolha dos produtores por uma abordagem satírica do nazismo. Esta é uma produção que se insere em meio à cinematografia do holocausto que foi sendo construída ao longo dos anos passando por gêneros que vão desde o documentário, até obras inspiradas em histórias reais ou não. Não há consenso sobre a maneira de abordar tal tema. Por um lado, há quem acredite que o uso de vídeos e a exposição de histórias, sobretudo as baseadas em casos reais funcionam como um recurso de

memória e de exposição do que aconteceu. Em contraponto, há correntes críticas quanto a produção de representações cinematográficas do holocausto afirmando que tais obras seriam um sensacionalismo do sofrimento e uma mercantilização da dor.

Seja com críticos e adeptos, a cinematografia do Holocausto se desenvolveu ao longo dos anos e conta com vários filmes. Uma das primeiras produções de destaque foi o documentário *Noite e Neblina* dirigido por Alain Resnais (1922-2014) e lançado em 1955, ou seja, 10 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Resnais foi um dos primeiros cineastas a ter acesso a arquivos reais e fez uso de filmagens e fotografias para construir sua obra. Outro documentário bastante referenciado é *Shoah* de Claude Lanzmann (1925-2018) lançado em 1985, no caso, 30 anos após o término da Segunda Guerra Mundial. O filme de Lanzmann contou com 9 horas e meia de duração e contou com testemunhos de sobreviventes do holocausto. Diferente de Resnais, Lanzmann se negou a usar imagens da época, muito por acreditar que a escuta das histórias dos sobreviventes seria mais importante. Em uma entrevista, ele afirmou:

“Eu sempre disse que as imagens de arquivo são imagens sem imaginação. Elas petrificam o pensamento e matam todo o poder evocativo. É muito melhor fazer o que eu fiz, um trabalho de elaboração enorme, criando a memória do evento.”^{VI}

O uso dos relatos de vítimas e sobreviventes também estão presentes em museus e outros espaços de memória que tratam do tema. Essas histórias e relatos causam impacto com esses testemunhos inspirando uma série de histórias que, na visão de alguns diretores de cinema e produtores culturais, merecem ser contadas. É isso que ocorreu em filmes como *A Lista de Schindler* de Steven Spielberg (1993) e *A Vida é Bela* de Roberto Benigni que são inspirados em histórias reais. Seja por meio de histórias desse tipo ou de documentários, a abordagem do

antissemitismo nazista e do holocausto no cinema e na televisão acabou se tornando uma atividade recorrente e heterogênea. Existem formas diferentes de abordar o conteúdo e momentos diferentes nos quais o tema acaba sendo revisitado. Por essa razão, ao longo do tempo, diferentes abordagens do tema foram realizadas gerando entusiasmo e críticas.

Em seus estudos sobre História e Cinema, o historiador francês Marc Ferro chama atenção para o fato de que um filme fala muito sobre a época em que foi produzido, mais até do que sobre a época que ele representa.^{vii} No caso dos documentários de Resnais e Lanzmann o simbolismo das datas não pode ser ignorado. Afinal, datas que remetem a conclusão de décadas de um acontecimento inspiram uma série de produções sobre o tema. Assim como os anos 1990, década do lançamento dos filmes de Spielberg e Benigni foram marcados pelos 50 anos do fim do conflito. Ou seja, tais produções são marcos de momentos nos quais o olhar para o holocausto se fez necessário. No caso de *Shoah*, nos anos 1980 a corrente revisionista do holocausto afirmava veementemente que tais informações e testemunhos, muitos dos quais são fruto de *Noite e Neblina*, seriam uma falsificação. Por essa razão, retornar ao tema, trazer sobreviventes, recontar essa história a uma outra geração se fez necessário.

No momento que estamos vivemos, olhar para este caso acaba sendo novamente necessário. A medida em que chegamos a 8 décadas do final da Segunda Guerra Mundial, poucos sobreviventes ainda estão vivos para contar suas histórias. Além disso, a ascensão da extrema-direita no cenário político internacional com a normalização de discursos de ódio e o apoio que tais medidas possuem em parte considerável da sociedade acendem o alerta para a necessidade de retomar tais temas.

Toda e qualquer produção cinematográfica tem intenções expressas por seus produtores.^{viii} Acreditamos que o lançamento de *Jojo Rabbit* em 2019 não foi

uma mera coincidência. Esse foi um período no qual produções hollywoodianas se dedicaram a uma reflexão sobre o trumpismo, tendo em vista que em 2020 ocorreriam eleições que seriam vencidas por Joe Biden. Neste caso, *Jojo Rabbit* fala para dentro e fora do Holocausto. Afinal, a perseguição aos judeus e outras minorias na Alemanha foi uma entre tantas outras perseguições que ocorrem, inclusive atualmente, como no caso dos imigrantes nos Estados Unidos. Retornar ao holocausto e ao nazismo é também uma forma de chamar atenção para o que ocorreu em outra época e em outro lugar e levar a uma reflexão sobre o que acontece em outros momentos e locais. Em entrevista concedida em 2020, reproduzida no portal *GaúchaZH*, o diretor afirmou que:

“80 anos se passaram desde o início da Segunda Guerra e permitimos que fascistas e racistas falem o que quiserem e organizem marchas. Acredito que é um momento bom para o filme existir. Precisamos lembrar o tempo todo que não podemos deixar essa merda acontecer novamente.”^{1X}

O incomodo do diretor com eventos de seu tempo e o interesse comercial fez que se olhasse para outras produções e histórias que poderiam ser contadas. *Jojo Rabbit* foi inspirado no romance *O Céu Que Nos Oprime*, escrito por Christine Leunens e lançado em 2004 e que contou com adições na trama. A adaptação cinematográfica é semelhante ao livro, com o diretor adicionando o personagem de Hitler. Com isso, Waititi colocou na obra um personagem que não existia, pelo menos não diretamente, no livro que inspirou o filme. Porém, diferente de produções que representam um Hitler maquiavélico e poderoso, Waititi optou por adicionar e interpretar um Hitler caricato, inseguro, bobo e idiota. Ao ser perguntado sobre sua escolha, ele respondeu:

“— Ele [Hitler] não merece uma representação autêntica. Não perderia meu tempo estudando aquele sujeito e suas nuances, porque ele não merece — explica o cineasta.

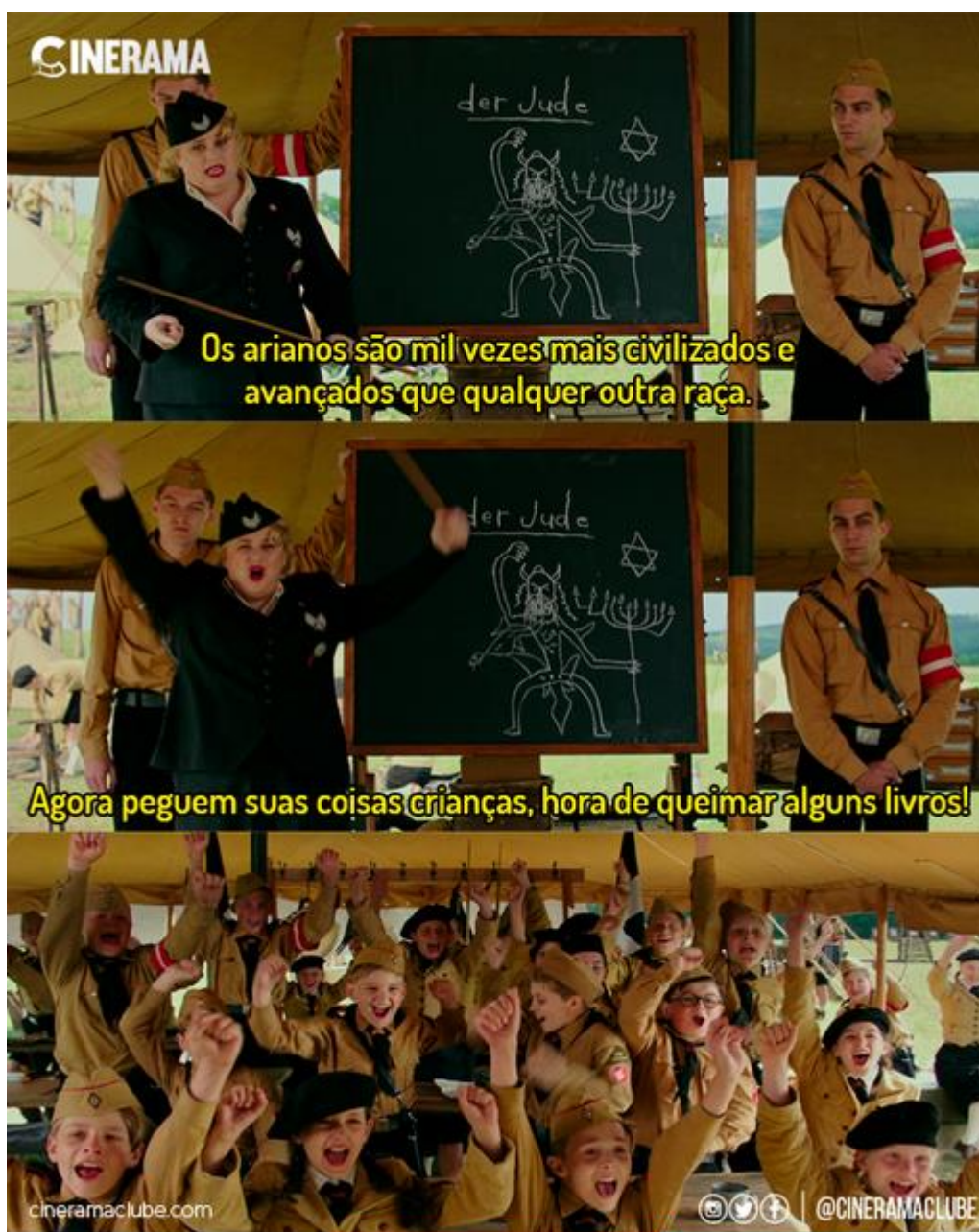
— O máximo que fiz foi colocar o bigodinho e o imaginei como se tivesse 10 anos, pois ele é fruto da mente de uma criança dessa idade. O papel ficou mais suportável assim.”^x

Desse modo, temos a construção de uma abordagem satírica sobre o nazismo. Algo que acaba indo em contraponto com a imagem cinematográfica e estética almejada pelos nazistas ao longo dos anos. Retratar-los de uma forma a qual eles odiariam serem abordados acaba sendo um recurso narrativo pelo diretor para diminuir os nazistas. Porém, a produção deixa claro que os nazistas do filme podem ser burros, estúpidos e idiotas, mesmo assim são perigosos como veremos a seguir.

Os nazistas são estúpidos, mas também são perigosos

A escolha do diretor pela representação dos nazistas como estúpidos, porém perigosos é algo que acontece ao longo da obra. No início da trama, entre os minutos (00:07:25 e 00:08:25) temos uma aula no acampamento da Juventude Hitlerista onde a professora Fraulein Rahm apresenta aos jovens o que seria um judeu.

Imagem 2 – Uma aula de antissemitismo



Fonte: Imagem retirada de: <https://www.facebook.com/cineraclube/posts/jojo-rabbit-2020direção-taika-waititigravonski-editor/1872216886252253/>

O tom de sátira fica nítido desde o início da obra com o inimigo judeu sendo apresentado de uma forma escrota e demonizada. A desumanização dos judeus ao longo do regime nazista foi um dos instrumentos pelos quais seu extermínio acabou sendo gradualmente realizado. Afinal, quando se desumaniza o outro

constroem-se álbis para agressão que passa a ser justificada em prol de um bem maior.^{xi} A aula da professora, embora caricata, gera entusiasmo nos alunos e difunde o discurso para eles. É esse o tipo de pensamento que acaba sendo adquirido por Jojo, os arianos são superiores, os judeus são ruins e livros devem ser queimados.

Porém, nem só de entusiasmo e estupidez que a sátira é composta ao apresentar os nazistas, eles também são perigosos e a morte estava visível a qualquer momento. Nisso, temos a cena entre os minutos (00:20:00 e 00:20:45) onde temos pessoas sendo enforcadas pelos nazistas:

Imagem 3 – Opositores do nazismo enforcados.



Fonte: Imagem retirada de:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1019365321775059&set=a.431921777186086>

Na imagem 3 temos 4 pessoas sendo enforcadas e expostas em praça pública em um espaço onde cabem 6 pessoas. O olhar assustado de Jojo é enfatizado e ele pergunta a sua mãe o que aquelas pessoas fizeram para ter aquele destino, sua mãe responde que aquelas pessoas fizeram o que podiam. O diálogo é uma afirmação de que sua mãe estava ao lado da resistência, eles fizeram o que podiam para resistir, mesmo assim foram pegos. Além disso, a construção estética da cena mostra pessoas de costas para Jojo e sua mãe, vivendo tranquilamente sem se incomodar com tal cena, enquanto o local é composto por bandeiras nazistas ao alto. Por fim, a cena traz também uma vaga faltando para ser enforcada, esse seria o destino de Rosie Betzler já apresentado pelo diretor nesta parte do filme.

Ao longo da trama, a perseguição nazista aos seus inimigos internos chega à casa de Jojo com o Capitão Deertz indo até a sua casa em busca de informações após uma denúncia que naquele lugar poderia haver uma judia escondida. O Capitão Deertz é apresentado com roupas pretas em um estilo clássico de vilão nazista e demonstra satisfação quando conhece Jojo ao ver o fanatismo pelo nazismo em seu quarto. Jojo fica assustado ao conhecê-lo e acaba escondendo a agora sua amiga dos nazistas. Tempos depois, Jojo vê que sua mãe foi morta pelos nazistas. Desse modo, embora o filme tenha um estilo de humor e leveza, momentos de angústia e dor são apresentados demonstrando as consequências de se viver em um regime como o da Alemanha hitlerista.

Conhecendo o outro

O filme aborda a maneira como um garoto de 10 anos conhece e convive com o nazismo nos anos finais da Segunda Guerra Mundial. Jojo não conhece outra realidade a não ser aquela em que ele está inserido. Por essa razão, todos os estereótipos e preconceitos que são transmitidos a ele são levados por si como

verdadeiros. Desse modo, a relação que ele constrói com Elsa é fundamental para a dinâmica da alteridade aqui observada.

Os diálogos entre Jojo e Elsa são os principais momentos nos quais a crença do garoto em relação ao nazismo passa a ser questionado por ele. Após o choque de encontrá-la escondida em sua casa, Jojo passa a conviver com Elsa e tem uma ideia com seu amigo imaginário Hitler. Ele poderia aproveitar para conhecer os segredos da raça judia conforme podemos ver no diálogo presente entre os minutos (00:36:29 e 00:40:00) da trama:

Imagem 4 – Diálogo entre Jojo e Elsa



Fonte: <https://www.facebook.com/cineramaclub/photos/jojo-rabbit-2019direção-taika-waitititamires-editora/1895416673932274/>

Nos cortes destacadas na imagem, temos Jojo com roupas pretas apontando uma colher em tom de ameaça para Elsa perguntando a ela sobre a

raça judia enquanto Elsa responde que os judeus nada mais são do que humanos, iguais a Jojo e a todo mundo. As mãos nos bolsos de Elsa e a escolha da câmera de mostrá-la de baixo para cima a deixa em um papel superior ao de Jojo, dando a ela autoridade em sua fala, bem como seu olhar de cima para baixo em relação a Jojo traz um tom professoral de quem está ensinando aquele garoto.

A afirmação de Elsa acaba sendo uma contraposição ao que é ensinado a Jojo na Juventude Hitlerista que apresenta os judeus como seres demoníacos. A mensagem que a judia transmite acaba sendo um choque para Jojo que custa a acreditar que ela não possua nenhum poder místico e que não seria diferente dele. Porém, a garota acaba sendo se aproveitando da situação prometendo contar os segredos dos judeus, caso Jojo a ajude atraindo a atenção e colaboração do garoto.

Com o passar dos dias, os dois começam a desenvolver uma amizade. Em um dos diálogos presente nos minutos (00:44:30 e 00:46:25), Elsa promete contar a Jojo onde os judeus realmente moram. O jovem fica curioso e entusiasmado para saber a verdade e após entregar um papel a Elsa, ela o devolve com um desenho do próprio Jojo:

Imagem 6 – Onde os judeus moram



Fonte: <https://www.facebook.com/frasesdefilmes17/posts/jojo-rabbit-2019/808376741327470/>

A atitude de Elsa de afirmar a Jojo que os judeus moram na cabeça dele remete a maneira como ele foi ensinado a imaginar os judeus. A visão que Jojo tinha de Elsa era fruto de sua imaginação, uma imaginação corrompida pelo antissemitismo difundido nos ambientes que ele frequentava. Tal dinâmica remete

àquilo que Peter Gay denominou como o *Outro Conveniente*. Segundo Gay, ao longo do tempo, algumas sociedades criaram a imagem de um outro estereotipado que passa a ser visto como um ser repleto de defeitos e responsável pelos males que a sociedade enfrenta.^{xii} Esse *Outro Conveniente* acaba se tornando um elemento vivo nos fascismos que adicionam em sua retórica discursos de ódio, intolerância e preconceito a determinados grupos sociais.

Conforme varia de local e de época, as vítimas do fascismo se modificam conforme os interesses de seus algozes.^{xiii} Por essa razão, o olhar para a dinâmica desenvolvida neste filme acaba dialogando com outros momentos e com a realidade histórica e social de professores e alunos. A solução para isso acaba sendo demonstrada no filme. A solução é conhecer o outro, enxergá-lo como ele realmente é se livrando de preconceitos, expandindo a sua mente. Com o passar do filme, Jojo descobre coisas sobre Elsa como seu passado, suas relações e sonhos e passa a observar nela alguém como ele e que merece compaixão.

O cinema e a educação para a alteridade

A perseguição aos judeus e outras minorias se constituiu como um dos traumas coletivos da contemporaneidade e uma das principais cicatrizes da Segunda Guerra Mundial. A revelação dos crimes e do horror do nazismo para a comunidade internacional foi um dos principais temas de discussão intelectuais do pós-guerra. Em meio a isso, uma série de reflexões a respeito da natureza do Holocausto e do que fazer para que isso jamais se repetisse foram realizadas. Uma das mais notáveis reflexões sobre o tema foi realizada pelo pensador alemão Theodor Adorno (1903-1969) que, em meio a uma entrevista no qual apresentou reflexões sobre a educação após Auschwitz, afirmou: “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação”.^{xiv}

Ao apresentar tal reflexão, Adorno sugere que essa temática ganhasse centralidade no ensino em geral. O Holocausto deveria ser um marco que fizesse a sociedade refletir sobre seus limites e construir ferramentas para que algo desse tipo não ocorresse novamente. Porém, lamentavelmente, quase um século após o Holocausto minorias continuam a ser exterminadas e muitos dos elementos presentes na dinâmica que fez com aquilo ocorresse continua a se manifestar e a ter apoio. A intolerância e o extremismo em discursos políticos e o apoio em massa a manifestações deste tipo nos leva a uma reflexão sobre o papel do Ensino de História e como ele pode contribuir neste processo. Por essa razão, o Ensino de História deve contribuir na construção de uma consciência histórica que leve as pessoas a uma reflexão sobre o passado.

Um dos principais defensores e divulgadores de tais ideias é o historiador alemão Jörn Rüsen. Em seus estudos, ele defende que consciência histórica sedimenta o conhecimento histórico como um meio de entender o tempo presente e antecipar o futuro. Ela seria fruto de uma combinação complexa entre passado, presente e futuro formulados na dialética interpretativa do indivíduo dentro de um conjunto coerente de operações mentais que definem a peculiaridade do pensamento histórico e a função que ele exerce na cultura humana.^{xv}

Tal dinâmica entre passado, presente e futuro contribui para que os indivíduos encontrem seu local no mundo e entenda as dinâmicas sociais. O olhar para o passado e sua problematização para explicar o nosso tempo seria fundamental para compreender a historicidade de determinados aspectos sociais. É lembrar que um tema como o racismo tem uma relação maior com a história do que com a biologia e as ciências.^{xvi} Além disso, temas que constituem eventos traumáticos também são instrumento de lutas por sua memória e interpretações. Nisso, a memória do Holocausto, assim como a de outros traumas coletivos acabaram se constituindo como narrativas mestras da história fazendo

parte da identidade dos grupos sociais que foram vítimas deste processo.^{xvii} Por essa razão, trabalhar temas como esse acaba sendo uma necessidade e um desafio. Quando nos referimos a ensinar acontecimentos vivos no tempo presente devemos levar em consideração que esse campo de estudo possui uma dialética particular entre o passado e o presente, sendo ela um campo de tensões que remete desde a relação entre a história e a memória, até discussões sobre o local do historiador em relação a distância e proximidade com determinados temas.^{xviii}

De fato, um acontecimento como o Holocausto deixa marcas no tempo presente e naqueles que são descendentes dos que sobreviveram. Conforme explica Arthur Chapman em suas considerações sobre a construção da compreensão e o pensamento histórico através do ensino explícito de raciocínio histórico, o conhecimento histórico é construído através dos significados e traços do passado que existem no presente. Para isso, devemos levar em consideração que o passado não pode ser mais experienciado em sua totalidade. O que os historiadores acessam fragmentos que devem ser conectados através e uma lógica da questão e resposta visando produzir tais questionamentos e soluções através de um processo racional. Com isso, seria possível desenvolver uma educação histórica que ajudaria os alunos a analisarem e avaliar argumentos históricos através dos significados das evidências apresentadas.^{xix}

O fazer histórico é encarado por Chapman como um fazer ativo no qual os historiadores estariam envolvidos na produção desse conhecimento e em dar forma ao caráter desse conhecimento gerado.^{xx} Por ser um fazer ativo, devemos utilizar ferramentas didáticas que permitam que professores e alunos interajam. O cinema acaba se enquadrando enquanto ferramenta didática nesta dinâmica devido a sua popularização e possibilidades de uso sendo ele um dos principais mecanismos onde ocorrem iniciativas de reificação de acontecimentos histórico transformando-os em objetos de consumo.^{xxi} Desde os anos 1980 e 1990, a

propagação dos aparelhos eletrônicos nas escolas facilitaram o uso de filmes em sala de aula. A própria cultura midiática e a forma de consumir conteúdo dos estudantes se modificou e isso abriu uma série de discussões sobre o uso de filmes em sala de aula. Selva Guimarães Fonseca comenta que:

“Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, umas das principais discussões na área da metodologia do ensino de História no Brasil, tem sido a incorporação de diferentes linguagens e fontes no estudo dessa disciplina, como exemplos, imagens, obras de ficção, jornais, canções, TV, internet, mídias em geral e o cinema. Esse debate se acentuou no contexto de revisão dos currículos, de crítica aos livros didáticos tradicionais, pós ditadura militar; do avanço tecnológico da indústria cultural brasileira, do desenvolvimento das chamadas mídias educacionais e do movimento de ampliação documental e temática das pesquisas na área da história e da educação. entre essas fontes mais utilizadas no processo de ensino e aprendizagem da História, estão os filmes.”^{XXII}

De fato, estamos em uma sociedade na qual o audiovisual ocupa muito espaço. Inevitavelmente, estudantes e professores estão em contato com o audiovisual consumindo conteúdo desse tipo. Por essa razão, utilizá-los acaba sendo uma forma de propor um fazer ativo que dialogue com uma linguagem bastante popular em nossa época. Além disso, o olhar para essa atividade da produção audiovisual e cinematográfica que se dissemina através de uma série de aparelhos acaba se fundamental já que a História é uma das disciplinas mais afetadas pelas atividades com o cinema, como Youtube e outras redes sociais. Conteúdos falando de história chamam atenção e são disseminados utilizando esse tipo de linguagem, por isso, trabalhar com produções desse tipo é chamar a discussão para a sala de aula.

O passado não pode ser experienciado como um todo, mas pode ser representado e pode servir como ponto de partida de atividades desenvolvidas

por professores que, através de uma lógica de questões confeccionadas através dos pontos a serem abordados ajudariam os alunos na construção de uma análise sobre o tema desenvolvendo aquilo que Chapman denomina por *Raciocínio Histórico*, algo construído ativamente através de questionamentos e propostas que levem os alunos a tecer conclusões sobre os temas.^{xxiii} A medida em que os filmes contribuem para a construção de uma memória coletiva da história, trazê-los para a sala de aula é também uma maneira de trabalhar com essa memória viva e difundida com o professor atuando como um espectador ativo articulando os filmes com o currículo, conteúdo, habilidades e conceitos.^{xxiv} Para Marcos Napolitano:

"Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte".^{xxv}

Jojo Rabbit acaba sendo um exemplo de como elementos de um tema histórico podem ser condensados em uma obra cinematográfica. É um filme que apresenta uma série de elementos que podem ser problematizados pelo professor de história em prol do desenvolvimento de atividades em sala de aula. Conforme vimos ao decorrer do texto, a relação entre os personagens Jojo e Elsa ilustra uma dinâmica de alteridade. Vemos Jojo se colocando no lugar do outro e com isso desconstruindo seus preconceitos. Dessa maneira, entendemos que a alteridade é um elemento fundamental no ensino de história e que a produção em questão é um exemplo de como um filme pode ser utilizado para expressar tais princípios.

O ensino da história do Holocausto pode ser realizado através de lentes que remetem a sua particularidade, na qual entende-se que tal acontecimento remete ao sofrimento sobretudo dos judeus, bem como de seu universalismo onde a ênfase está no fato de que tal evento pode ser compreendido como um exemplo de sofrimento universal. Outro fator a ser observado é que fenômenos como o Holocausto podem ser evitados e que a sociedade possui uma responsabilidade

moral sobre isso.^{xxvi} Por essa razão, a alteridade acaba sendo um elemento fundamental no ensino desse tema, afinal:

A alteridade é uma construção social que explica as identidades sociais. Pensar na identidade social como um reflexo de como os indivíduos e grupos internalizam as categorias sociais estabelecidas –cultura, raça, etnia, classe –dentro das sociedades. Sendo assim, desenvolver uma reflexão sobre a função da alteridade, da responsabilidade e do agir ético, num sentido mais amplo, torna-se crucial nos debates acerca da Shoah.^{xxvii}

Acreditamos que este processo de construção da alteridade pode ser realizado através de recursos didáticos e pedagógicos entre os quais estão atividades em sala de aula. O filme aqui analisado é um exemplo de como a abordagem sobre o Holocausto possui várias faces e linguagens que podem ser utilizadas conforme a faixa etária do público e os objetivos do profissional de sala de aula. O fato do protagonista ser um garoto de 10 anos também traz consigo um recurso de identificação para o público-alvo que acaba vendo uma história com um tema tão completo e chocante através dessa perspectiva.

Considerações

O ensino da história do Holocausto é um dos temas mais complexos no campo do Ensino de História. Ao longo de décadas, propostas de trabalhar com o tema foram elaboradas em paralelo à construção de uma memória social sobre o ocorrido. Acreditamos que o filme *Jojo Rabbit* possui um enorme potencial para o uso em sala de aula, podendo servir como ponto de partida para a elaboração de atividades guiadas pelos professores que abordem o Holocausto de maneira singular e universal dialogando com temas como a intolerância, o extremismo, os regimes autoritários e os direitos humanos.

Acreditamos também que o ensino de temas como o Holocausto deve levar em consideração a alteridade como um ponto de reflexão sobre temas complexos. A inserção de filmes no currículo escolar não é uma atividade nova e passa por constante transformação fazendo com que profissionais da educação estejam sempre se atualizando e procurando alternativas. *Jojo Rabbit*, com sua abordagem única e provocativa, oferece uma oportunidade valiosa para ensinar um tema complexo e chocante através do entretenimento e do humor que dialoga com angústias e o medo.

A medida em que a sociedade se torna cada vez mais audiovisual, o olhar para produções culturais que abordem temas históricos se torna cada vez mais necessário a medida em que a consciência histórica do sujeito é formulada cotidianamente. É preciso entender que a aprendizagem histórica acontece dentro e fora da escola e que o olhar para as produções culturais é uma maneira de dialogar com o que acontece e é consumido fora da sala de aula. Dessa maneira, é possível promover uma educação histórica crítica, alinhada com as demandas contemporâneas de combate ao discurso de ódio.

Notas

^I Judt, 2008, p. 789.

^{II} Palmeira; Schurster, 2020.

^{III} (Traverso, 2012, p. 16).

^{IV} Brasil, 2018, p. 418.

^V Box Office Mojo, 2020.

^{VI} Lanzmann, 2001, p. 274)

^{VII} Ferro, 2010

^{VIII} Ferro, 2020

^{IX} Waititti, 2020

^X Waititti, 2020

^{XI} Gay, 1995

^{XII} Gay, 1995

^{XIII} Paxton, 2007

^{XIV} ADORNO, 1965, p. 119

^{XV} Rüsen, 2006

- ^{XVI} Fontana, 2004
^{XVII} Schurster; Araújo, 2022
^{XVIII} Rousso, 2016, p. 16
^{XIX} Chapman, 2021
^{XX} Chapman, 2021
^{XXI} Traverso, 2012, p. 11
^{XXII} Fonseca, 2003, p. 152
^{XXIII} Chapman, 2021
^{XXIV} Napolitano, 2003
^{XXV} Napolitano, 2003, p. 7-8
^{XXVI} Palmeira; Schurster, 2020
^{XXVII} Palmeira; Schurster, 2020, p. 212.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfbang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1965.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 13 de mar. de 2025.

CHAPMAN, Arthur. Construindo a compreensão e o pensamento histórico através do ensino explícito de raciocínio histórico. In: MARQUES, L.; GAGO, M. **Diálogo(s), Epistemologia(s) e Educação Histórica. Um primeiro olhar** Porto: CITCEM, 2021. p. 21-36.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Paz e terra, 2010.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História**: Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas: Papirus, 2003.

FONTANA, Josep. **A história dos homens**. Tradução de Heloisa Jochims Reichel e Marcelo Fernando da Costa. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

GAY, Peter. O Outro Conveniente. In: _____. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**: O Cultivo do Ódio. Tradução Sérgio Goes de Paula e Viviane de Lamare Noronha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 76.

JUDT, Tony. **Pós-guerra: Uma história da Europa desde 1945**. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LANZMANN, Claude. **Shoah**: o filme do Holocausto. Tradução de Júlia da Rosa Simões. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. Editora Contexto, 2003.
PALMEIRA, A. N. da S.; SCHURSTER, K. "Educar para alteridade": o ensino de história da Shoah e o uso dos testemunhos audiovisuais da USC Shoah Foundation. **Educ. Form.**, [S. l.], v. 5, n. 13, p. 195–214, 2020. DOI: 10.25053/redufor.v5i13.1123. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1123>. Acesso em: 19 abr. 2025.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. Tradução de Patrícia Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**: a história, o presente, o contemporâneo. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 181–204.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Editora UFPR, 2011. p. 23–42.

SCHURSTER, Karl; ARAÚJO, Rafael Pinheiro de. O ensino de história dos traumas sociais coletivos e dos temas socialmente vivos: trajetórias de um campo disciplinar. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 14, n. 36, p. e0108, 2022. DOI: 10.5965/2175180314362022e0108. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180314362022e0108>. Acesso em: 18 abr. 2025.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar: história, memória e política**. Tradução de Tiago Avó. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

Sigiografia

BOX OFFICE MOJO. *Jojo Rabbit*. 2020. Disponível em: <https://www.boxofficemojo.com/title/tt2584384/>. Acesso em 14 de mar. de 2025.

IMDb. (2019). *Jojo Rabbit: Full Cast & Crew*. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt2584384/> Waititi, T. (Diretor). (2019). *Jojo Rabbit* [Filme]. Fox Searchlight Pictures.

WAITITI, Taika. A palavra perfeita para descrever a sensação de interpretar Hitler é 'vergonha', diz diretor de 'Jojo Rabbit'. **GaúchaZH**, Porto Alegre, 10 fev. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/cinema/noticia/2020/02/a-palavra-perfeita-para-descrever-a-sensacao-de-interpretar-hitler-e-vergonha-diz-diretor-de-jojo-rabbit-ck69garjx05if01pl4ycargwy.html>. Acesso em 14 de mar. de 2025.

Filmografia

JOJO RABBIT. Direção: Taika Waititi. Produção: Taika Waititi, Carthew Neal, Chelsea Winstanley. Roteiro: Taika Waititi. EUA: Fox Searchlight Pictures, 2019. 1 DVD (108 min.), son., color.

A VIDA É BELA. Direção: Roberto Benigni. Produção: Elda Ferri, Gianluigi Braschi. Roteiro: Roberto Benigni, Vincenzo Cerami. Itália: Cecchi Gori Group, 1997. 1 DVD (116 min.), son., color.

A LISTA DE SCHINDLER. Direção: Steven Spielberg. Produção: Steven Spielberg, Gerald R. Molen e Branko Lustig. Roteiro: Steven Zaillian. EUA: Universal Pictures, 1993. 1 DVD (195 min.), son., color.

NOITE E NEBLINA. Direção: Alain Resnais. Roteiro: Jean Cayrol. França: Argos Films, 1956. 1 DVD (32 min.), son., p&b e color. Documentário.

SHOAH. Direção: Claude Lanzmann. Produção: Claude Lanzmann. França: Les Films Aleph, Historia, 1985. 1 DVD (566 min.), son., color. Documentário.

Graphic Novel

SPIEGELMAN, Art. **Maus**: a história de um sobrevivente. Tradução de Paulo Raviere. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2005.

Recebido em: 15/05/2025
Aprovado em: 21/06/2025
Publicado em: 30/06/2025